

UM OLHAR NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DA COMUNIDADE “CERCADÃO DOS DICETAS”

Afonso José Mendes ¹

Eliane Costa Santos ²

Resumo: Este artigo intitulado “Educação escolar Quilombola” é o resultado da aula de campo realizada no dia 07 de novembro de 2017, com os alunos da turma de **Educação Escolar Quilombola** e da turma da **Antropologia e Sociologia de Educação nos Países da Integração**, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, na comunidade Quilombola do “Cercadão dos Dicetas”, localizada no município de Caucaia, no estado de Ceará. O objetivo dessa aula é de conhecer e compreender a realidade da comunidade quilombola, as características de suas práticas educativas e culturais na construção da sua identidade e avaliar as contribuições dos (as) professores (as) e gestores da escola na educação escolar quilombola. Essa aula de campo foi realizada por meio de roda de conversa com os estudantes da UNILAB e a comunidade, momentos que reuniu a líder da comunidade “Cercadão dos Dicetas”, representante dos quilombolas na secretaria da educação do município e as professoras da referida comunidade. Na elaboração deste artigo, usamos as questões sem-abertas que enfocam dos saberes escolares e ações, acerca do uso das diretrizes escolar quilombola; Identidade escolar; população da escola; quantidade de alunos quilombolas e não quilombolas que estudam na escola, fundação da escola quilombola; concepção do que é ser quilombola. Qual diferença de uma escola quilombola e uma escola da prefeitura no espaço quilombola, entre outras, numa entrevista que foi realizada com duas representantes/professoras, primeira entrevistada foi a professora Claudia Oliveira¹ e a segunda entrevistada foi Maria dos Prazeres², ambas estão ligadas das escolas quilombolas, utilizamos também alguns textos ou artigos como: “Diretrizes curriculares da Educação escolar Quilombola, 2012”; “Diversidade educacional infantil; decreto/ 2003/ d4887”; HAYDÉE PETIT & COSTA e SILVA,. “**Africanidades Caucaenses: saberes, conceitos sentimentos**, 2013”. NASCIMENTO & LARKIN NASCIMENTO. “**Quilombolismo um conceito emergente do processo Histórico-Cultural da população Afro-Brasileira**”, colocamos algumas imagens ilustrativas que foram tiradas na aula de campo. Consideramos que essa aula de campo e a pesquisa foram do encontro que serviu de troca de conhecimentos e saberes, também foi o momento que a comunidade recebeu os estudantes e professores da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, isso demonstra um fortalecimento e as experiências adquiridas entre os estudantes e a comunidade.

Palavras Chave: Aula de campo, professores, alunos, comunidade, identidade.

1 Estudante da Licenciatura do Curso de Pedagogia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB; e-mail: tchescomendes7@gmail.com; Cidade de Acarape, Estado do Ceará- Brasil.

2 Professora Doutora, no Curso de Pedagogia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB; E-mail: elianecostasantos@unilab.edu.br. Cidade de Redenção; Estado do Ceará-Brasil.

INTRODUÇÃO

A comunidade do “Cercadão dos Dicetas” é uma comunidade localizada no município de Caucaia, no Estado do Ceará, lugar no qual moram 156 famílias, como contam as nossas entrevistadas, líder do quilombola, Maria dos Prazeres, esse espaço foi fundado em 1710 por um grupo refugiado africanos que lá chegaram em uma embarcação que encalhou nas costas dos mares do Icarai em Caucaia. Pelos relatos contados, mostra que o navio saiu do Norte da África com uma tripulação fugindo de uma grande enchente e ao chegar as proximidades da Barra do Ceará a embarcação encalhou e dele desceram dois homens e uma mulher chamados: Manuel Gomes dos Santos, Tereza e outro com apelido de Coca. De referir que essas e outras histórias foram colhidas por líder da comunidade quilombola, Maria dos Prazeres, e alguns membros da comunidade: Franciane Campos Medeiros e a Camila, ambas são professoras da mesa comunidade.

Nessa aula de campo, teve início com a roda de conversa no recinto da escola. Como podemos observar na figura abaixo:



A roda de conversa começou com as apresentações dos alunos, em que cada um (a) fez a sua apresentação, nome, país, município e curso. Depois das apresentações muitos alunos sentiram-se identificados com o lugar, como é o nosso caso, que viemos de África que tanto orgulhamos de reviver o ambiente que este espaço nos proporcionou neste dia, com o chão, as artífices, a simplicidade do povo que para nós são semelhantes à realidade africana. Deste modo, vejamos as imagens de figura abaixo:



Durante a roda de conversa, os participantes tiveram a oportunidade de expressar as suas expectativas que em sua maioria se resume numa só palavra **conhecimento**. A primeira pessoa a intervir em nome da comunidade foi à professora Claudia, mais conhecida por Claudia quilombola, membro da associação das comunidades quilombolas que trabalha na secretaria da educação, mas que faz parte de outra comunidade quilombola. Ela fez uma narração de forma detalhada sobre os trabalhos desenvolvidos pelas comunidades, as dificuldades enfrentadas, desafios que as comunidades têm pela frente, falou da existência de 10 comunidades quilombolas, também explicou de como foi solicitada pelo professor Lucho para que possamos realizar esta aula de campo.

DESENVOLVIMENTO

As principais questões teóricas utilizadas para a elaboração deste trabalho são dos saberes escolares e ações, acerca do uso das diretrizes escolar quilombola; Identidade escolar; população da escola; quantidade de alunos quilombolas e não quilombolas que estudam na escola, fundação da escola quilombola; concepção do que é ser quilombola. Qual diferença de uma escola quilombola e uma escola da prefeitura no espaço quilombola.

Em relação aos diretrizes, a nossa entrevistada professora Claudia de Oliveira, defende que, eles/as no município de Caucaia ainda trabalham de uma forma convencional com a mesma orientação da secretaria da educação do município, isto é, na base da orientação dos decretos das diretrizes nacional, assim podemos constatar no,

Art. 6º Estas Diretrizes, com base na legislação geral e especial, na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, ratificada no Brasil, por meio do Decreto Legislativo nº 143/2003, e no Decreto nº 6.040/2007, tem por objetivos: I - orientar os sistemas de ensino e as escolas de Educação Básica da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na elaboração, desenvolvimento e avaliação de seus projetos educativos; II - orientar os processos de construção de instrumentos normativos dos sistemas de ensino visando garantir a Educação Escolar Quilombola nas diferentes etapas e modalidades, da Educação Básica, sendo respeitadas as suas especificidades; III - assegurar que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino aprendizagem e as suas formas de produção e de conhecimento tecnológico (...) (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA, 2012, p.10)

Mas a partir do ano 2014, de acordo com a professora Claudia, quando ela chegou na secretaria como representante das (os) professoras(os) nessa instituição da educação do município, começou a manter diálogo com as diretoras e as lideranças das comunidades quilombolas que têm em Caucaia e os/as diretores/as que estão dentro do território quilombola ou próximo que atende a maioria dos alunos quilombolas, referiu que, no município tem sete escolas principais dentro do território ou próximo, que atende maioria dos estudantes quilombolas e outras três são anexos que têm também nas comunidades quilombolas em Caucaia.

Nas umas dessas escolas quilombolas que existem no município, uma professora de nome Maria dos Prazeres, na sua entrevista falou-se a não uso diretamente das diretrizes na escola da comunidade que ela pertence.

Eu como líder e a educadora da minha comunidade quilombola (cercadão do Dicetas), nós não trabalhamos diretamente com diretrizes, porque as escolas quilombolas do município não se focam tanto nos diretrizes, de modo que a escola dessa comunidade é nova (criada em 2009) e nós professores/as estamos a trabalhar com o conhecimento da comunidade na educação infantil, onde fazemos o resgate, através do boneco preto, dos vídeos que fazemos para melhor repassar o conhecimento para as crianças, assim que é o nosso diferencial na comunidade e dentro da sala de aula.

Com esse tanto empenho que as (os) líderes e os (as) professores (as) das comunidades quilombolas têm mostrado na forma de ensinamentos dos seus educandos, a nossa entrevistada, a professora Claudia realçou que, neste ano (2017), foi oficializada pela secretaria da educação uma comissão de representantes para formar a comissão municipal de elaboração e implementação de educação quilombola de Caucaia. Nessa comissão,

ela como representante na secretaria da educação em Caucaia, Maria dos Prazeres (que é a líder da comunidade quilombola do “Cercadão dos Dicetas”) é representante das comunidades quilombolas, há representante de professores de Quilombola, representante de gestores escolar quilombola, representante do movimento quilombola municipal, representante do sindicato dos professores e servidores de Caucaia e representante do conselho municipal da educação de Caucaia (CLAUDIA).

De acordo com a professora, essa comissão elaborou a minuta da resolução, que essa resolução final passa na câmara dos vereadores e se transformar em lei municipal para que as escolas e a secretaria se referenciar nela para trabalhar na educação quilombola. Ou seja, eles/as não se esperam que a resolução seja pronta para que isso aconteça, mas sim eles/as já convocam e convidam os/as diretores/as as lideranças quilombolas para reunião da reformulação do projeto político pedagógico, sabendo que o projeto político é uma construção continua e permanente. Isso para “garantir ao educando o direito a conhecer o conceito, a história dos quilombos no Brasil o protagonismo do movimento quilombola e do negro, assim como seu histórico de lutas” (LDB, EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA, 2012, p.13).

Ressaltamos que, os quilombolas têm pretensão até 2018 conseguir reformular esse projeto político pedagógico, que estão feitas nas escolas, mas estão feitas com o olhar convencional, de uma forma geral que é feita para todos e, para ir à escola quilombola, os gestores querem que seja de uma “forma específico que valoriza a história da comunidade e que veja quem são as crianças quilombolas” (CLAUDIA). Assim também revela no art.31 do projeto político pedagógico das escolas quilombolas, que é percebido como “expressão da autonomia e da identidade escolar, é primordial para garantia do direito a uma educação escolar quilombola” (LDB, EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA 2012, p.12)

Para saber do número total dos estudantes quilombolas, a representante/ professora Claudia mostra que, geralmente os/as gestores/as não têm ainda em pratica o número exato dos estudantes nas escolas das comunidades. Acontece que, “em quase todas as comunidades os pais das crianças não se identificam como quilombolas e como o decreto 4887 /03 disse que o quilombola tem que se auto afirmar”, para mais informação, vejamos o artigo do decreto acima mencionado:

Art. 1º Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o **art. 68** do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto (s/p).

Mesmo com essa dificuldade de saber o número geral dos alunos que estudam nas escolas quilombolas, mas na comunidade do “Cercadão dos Dicetas” que tem a escola anexa, a líder dessa comunidade que é a nossa entrevistada professora Maria dos Prazeres, realçou que nessa escola anexa, “contém 70 alunos”, embora ela tinha dificuldade de lembrar especificamente quantos do gênero masculino e feminino desses ((as) alunos (as)).

Ainda nesse ponto, as nossas entrevistadas (MARIA & CLAUDIA) em unanimes, afirmam que, os pais das crianças que não se identificam que são quilombolas, elas como gestoras das escolas não têm como obrigar-lhes aceitarem ou de serem quilombolas, isto é, se as/os mães/pais dos alunos não se identificam como os quilombolas, a escola também não se reconhece essas crianças como quilombolas, de modo que a própria família não

aceita. Segundo Tedeu da Silva no seu artigo (que está sem ano nem pagina) intitulado: “A produção social da identidade e da diferença” defende que:

A identidade assim concebida parece ser uma positividade ("aquilo que sou"), uma característica independente, um "fato" autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e auto-suficiente.

Nessa situação, os /as gestores/as das escolas fazem trabalho, inclusive a professora Claudia de Oliveira, como funcionaria na secretaria da educação de Caucaia, que tem mais oportunidade de dizer as necessidades e fazer o seu plano de trabalho, por isso, nos seus relatos mostram que sempre foram as escolas, mas não para chegar e dizer aos pais das crianças de que têm que ser quilombolas ou são quilombolas, mas para “saber desses pais se no caso sabem que a comunidade é de quilombola se tem alguém que já os falaram sobre isso , a partir dali que eles(pais) vão se mostrando aos seus pertencimento”,

A partir dessas colocações, percebemos que a associação quilombola não é uma entidade “fecha”, mas sim aberta, de modo que,

todas as famílias que moram na comunidades são quilombolas, porque elas têm a mesma linhagem da família , elas vieram da mesma história, nasceram e cresceram na mesma comunidade, mas devido a pressão da sociedade de várias situações eles resolveram se negar e, aí se a gente fechar essa questão vai se perder esse nosso vínculo, então acontece que a gente deixa aberto esse vínculo para quando a pessoa se entender sobre o seu pertencimento que ele/a possa chegar e entrar na associação para se tornar oficialmente uma família quilombola para que a escola tenha o conhecimento dessa situação e possa se identificar os seus estudantes quilombolas, porque o Senso do Governo não pergunta quantos estudantes têm na escola, só pergunta se a escola está no território quilombola, ou seja, se essas escolas estão dentro do território que tem certificado da fundação palmares elas são escolas quilombolas. elas precisam trabalhar com a modalidade que vai trazer toda a base nacional legalmente garantida pela LDB, mas também o diferencial, o específico que essa valorização da ancestralidade, da oralidade, da territorialidade, da circularidade, todas essas questões, inclusive na sala de aula de como o professor disponha as cadeiras de uma forma específico, porque se vê nas outras escolas regulares nos bairros urbanos as cadeiras dentro da sala de aula são colocadas em fileiras, nas escolas quilombolas são cadeiras são despostas de forma circular por vários motivos como a questão: da valorização de circulares, da valorização da energia que circula entre as pessoas, da valorização dos saberes para que as pessoas poderem se ver, essas questões mais valorizadas entre relações das pessoas humanas como ser importante na cultura do saber (ENTREVISTADA: CLAUDIA).

No que diz respeito a identidade que a escola quilombola demonstra no meio da comunidade, segundo a entrevistada Dona Maria Prazeres, ela como professora da

comunidade quilombola do “Cercadão dos Dicletas” coloca que a identidade que a sua escola apresenta

é que os/as professores/as são da comunidade que também trabalham sobre as questões ligadas à comunidade, onde também os alunos são da comunidade, apesar que eles/as abriram as vagas para outros alunos das outras localidades mesmo que não sejam quilombolas.

Ainda sobre isso, professora Oliveira afirma que, quando era a professora á dezenove anos e cinco anos como a gestora da escola na comunidade onde nasceu e cresceu (comunidade Serra do Juaque), não teve a dificuldade com essa comunidade, isto é, sempre teve uma relação com a sua comunidade. Em relação as escolas em outras comunidades, mostra que, quando chegou a trabalhar na secretaria da educação percebeu que os professores (as) que vem de fora da comunidade, não têm relações com as comunidades, isso não aconteça,

porque o tempo é limitado, o professor chega muitas vezes de fora da comunidade que veio no transporte do ônibus da prefeitura entra na sua de aula e um pouco já está na hora de ele ir embora, o transporte acaba de lhe esperar, nisso, os professores acabam passando um ano e não tendo a relação com as famílias das crianças, não têm tempo de visitar a comunidade, por isso tem esse distanciamento (ENTREVISTADA CLAUDIA).

Da mesma forma, a comunidade muitas ás vezes não se sente acolhida para esses professores. Conforme a representante Claudia, os (as) gestores (as) fizeram um trabalho com as comunidades desde “2014 até este ano”, onde defende que esse trabalho feito quebrou muita barreira, porque no momento eles/as fazem as questões de todas as atividades envolvendo africanidade, que ela seja a intervenção com as escolas e as comunidades, de modo que as escolas se falam das comunidades e as comunidades vão se valorizar.

Por meio desse trabalho, também tivemos oportunidade de buscar em nós mesmos saberes já adormecidos em nossas mentes e corações. No entanto, muitas dessas práticas, que não mais exercitamos, foram de grande relevância em determinados momentos de nossas vidas (PETIT& SILVA, 2013, p.67)

Nessa intervenção, eu como estudante percebo que os nossos livros didáticos e a nossa história foram escrita de uma forma destorcidas, de modo que nos vê o negro somente em “submissão”(até hoje em dia é passado nas salas de aulas alguns filmes que trazem o sofrimento, que menospreza o negro) nesse caso, na comunidade

quilombola de Caucaense, as gestoras e os professoras demonstram que em muitas escolas das comunidades fazem seminário sobre o dia da “consciência negra ”o momento que elas não se pretendem mais a trabalhar com a questão da desvalorização do negro, que foi trabalhado a mais de muitos anos.

Então os nossos objetivos são de trabalhar com as nossas potencialidades, com as nossas heranças africanas na tecnologia, nos conhecimentos, na agricultura, na culinária, na medicina, na astrologia, em todos os níveis de conhecimentos que nós pretendemos fazer essa valorização a essa herança africana e saber que esses conhecimentos são da África, as palavras africanas que estão nos nossos cotidianos e costumes, com isso, nós sentimos uma proximidade pelos saber e os valores que nós cultivamos de solidariedade, de coletividade, de querer o bem para os outros de uma forma mais coletiva (ENTREVISTADA: CLAUDIA).

Nas colocações das nossas entrevistadas, percebemos que essa valorização é muito forte na questão da “educação étnico raciais” que nos demonstra como os/as educadores/as se tratam dos seus/as alunos/as quilombolas nas escolas, então, de acordo como a professora Maria Dos Prazeres e a gestora Claudia Oliveira, de uma forma unanimes, indicam que, nas suas comunidades muitas coisas foram mudadas, devido auto avaliação que está sendo aplicadas nas escolas, que sugere várias situações de como valorizar africanidade, que às vezes elas colocam a culpa na prefeitura, nos governos alegando que não têm matérias didáticos sobre a questão de “valorização da africanidade”, ainda realçam que as vezes o município de Caucaia tem “matérias didáticos e paradidáticos que falam sobre a africanidade, mas estão sendo guardados em um local que ninguém usa”(ENTREVISTADA:CLAUDIA).

Em relação a isso, as professoras e gestoras das escolas das comunidades quilombolas, mostram que pretendem buscar com os seus recursos para aprenderem trabalhar com os próprios e fazer as suas valorizações, referiram que o município tem um livro chamado “africanidade caucaense”que estudo deste livro,

é de suma relevância social e política, uma vez que contribui para que a comunidade do Cercadão obtenha reconhecimento, pelos órgãos oficiais, como um Remanescente de Quilombo, ou seja, uma comunidade construída por pessoas africanas e/ou afro-brasileiras (PETIT & SILVA,2013, p. 66)

Segundo a entrevistada, Claudia Oliveira, defende que este livro, foi financiado pela secretaria da educação de Caucaia com um artigo que fala sobre a comunidade quilombola, que no ano passado o município adquiriu um “paradidático complementar” denominado “formação do povo brasileiro” que é um livro que traz as histórias, “do

iniciou da luta dos quilombolas, dos Indigines, dos Assempamentos” com isso, ela coloca que têm várias matérias que elas podem usar para facilitar no trabalho que precisam.

Com isso, a posição do povo quilombola é demonstrar uma verdadeira identidade da antiguidade do saber negro-africano, segundo Elisa Larkin Nascimento e Abdias Nascimento (2013, s/p), defendem que:

A memória do afrodescendente brasileiro tem sido agredida sistematicamente pela estrutura de poder e dominação há quase 500 anos. Semelhante fato tem acontecido com a memória do negro-africano, vítima, quando não de graves distorções, da mais crassa negação do seu passado histórico.

Lembrando que, essa valorização da africanidade não quer dizer que o eurocentrismo é perverso, mas essas escolas quilombolas com os professores/as das mesmas, querem mostrar que o afro-referenciado é uma outra visão também que eles/as precisam ter, isto é, para não continuarem só com a visão que tiveram antes, nisso, percebemos, que essa situação é um processo demorado na cabeça de alguns professores, imagine dos pais, ou então da própria comunidade e de outras pessoas que nunca pararam para refletir sobre isso. Por isso, é um processo “doloroso”, de modo que a nossa educação escolar foi de forma do eurocentrismo. Então, para descolonizar a nossa mente é um processo de revolução.

Relativamente aos alunos que estudam nas escolas de comunidades, de acordo com a entrevistada que é a representante das escolas quilombolas na secretaria da educação no município, a Claudia Oliveira defende que na sua comunidade,

geralmente as crianças que estudam nas escolas quilombolas são da mesma comunidade, tendo em conta que as comunidades estão distantes uma a outra, agora se a comunidade que não tem a escola a prefeitura manda o ônibus escolar para levar esses/as alunos/as a uma comunidade quilombola próxima.

Conforme o art. 28 das diretrizes curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola (p.12), mostra bem claro que o município deve garantir o “transporte intracampo dos estudantes quilombolas, em condições adequadas de segurança”

É de salientar que, as nossas entrevistadas, Maria & Claudia, de forma unânimes, colocam que nas escolas quilombolas aceitam os (as) outros (as) alunos(as) que vêm das outras localidades, mesmo que não sejam quilombolas (a escola é para quilombolas e para quem não é quilombola) e trabalham com os conteúdos regulares.

Sobre o ano de fundação da escola quilombola, a nossa entrevistada professora Claudia afirma que, a escola da sua comunidade (Serra de Juaque), foi criada:

no dia 13 de março de 1987, essa escola já chegou a ser cadastrada no “Senso comum como quilombola, só que atualmente ela está como uma escola anexo da **Bela Cristoston**, porque ela tem oito crianças na comunidade Juaque, que são de idade de 2 a 5 anos que estudam essa escola, devido que os outros alunos pretendem ir para outras comunidades com o ônibus escolar de prefeitura.

No que diz respeito a concepção de ser quilombola, Maria dos Prazeres nossa entrevistada demonstra da seguinte maneira: “ser quilombola para mim é um orgulho no sentido de resgate aos seus antepassados, que sempre procuro a história, no vestido, com esses conhecimentos que me possibilita a cada dia buscar as coisas diferente”.

Para a Claudia, demonstra que ser quilombola:

é procurar a minha própria “história, saber de onde veio, quem são meus pais, quem são seus avós, quem são seus ancestrais, de onde vieram e se auto-identificar e conhecer outros quilombolas no sentido de fortalecer as relações, porque existe um decreto federal (nº4887/03).

Segunda ela, nesse decreto, o estado está querendo torna-lo inconstitucional, de modo que se isso acontecer vai tornar desagradável para as comunidades quilombolas, porém, “esse decreto é uma base legal que fundamenta as certificações e articulações dos territórios quilombolas, então para os quilombolas se isso suceder será um prejuízo para as comunidades”.

Ainda sobre a questão de ser quilombola, percebemos que é fundamental a questão do pertencimento como se fosse uma plantinha que precisa ser regada todos os dias, porém, os quilombolas e os negros foram “bombeados” de influência eurocêntrica, como podemos perceber na Televisão, nas músicas, na sociedade em geral, mostrando como se fosse não fazemos parte desse mundo. Por isso que os quilombolas trabalham a questões dos seus pertencimentos, de modo permanente e continua para que eles/as não sejam levados/as por ondas de influencias.

Mesmo assim, a nossa primeira entrevistada relatou que,

como essa influência que os jovens das nossas comunidades não estão tão engajados, porque estão totalmente influenciados por esse outro lado que mostra só uma outra realidade, onde ela não se encaixa e eles vão se procurar uma outra realidade que não seja deles, por isso, nós falamos sobre essa questão e não só falando, fazemos ações, realização das atividades, oficinas, que vai fazendo a pessoa se identificando e vai

se alimentando desse seu pertencimento para poder ir passando essa força para nova geração.

A cerca da diferença entre a escola quilombola e a escola de prefeitura no espaço quilombola, começando para dizer que a escola da prefeitura é fundamentada por um sistema da educação como se fosse as diretrizes gerais para todas essas escolas, a Claudia disse que: “quando passa para ser uma escola dentro do quilombola, essa escola deve se adaptar a realidade da comunidade e participar de tudo o que for preciso”.

Por isso que a educadora Maria dos Prazeres acredita que o ensino dessas escolas é o mesmo, embora:

embora com os/as alunos/as da comunidade quilombola é bem mais fácil na aprendizagem para as crianças, porém, essas crianças vivenciam dentro da comunidade e os professores/as sempre têm interesses de levarem esses alunos para não esquecer a realidade da comunidade quilombola, isso quer dizer que, esses conhecimento que estão sendo aplicados dentro da escola quilombola, facilita no aprendizado as crianças, de modo que as crianças vivem a realidade da comunidade e na sala de aula continua estudar com a mesma pertença e preservação da cultura quilombola.

É de ressaltar que, os professores que lecionam nas escolas nem sempre são quilombola, isto é, tem muitos professores que vieram de fora da comunidade, nisso, percebemos a luta dos gestores dessas escolas quilombolas,

São para que jovens dessas comunidades possam entrar numa faculdade fazer a pedagogia, ou um curso específico para eles poderem ter as condições de poder trilharem nas escolas dentro dos quilombos, isso vai acontecer só quando eles tiveram pertencimento. Porque se um deles não gostar de ser quilombola, ele vai ter oportunidade de fazer um curso superior e fazer alguma coisa menos para o que ele possa contribuir na comunidade, então ele precisa do reconhecimento fortalecido e de pesar no sentido de ajudar ou que possa permanecer e engajar mais na sua comunidade (ENTREVISTADA: CLAUDIA).

Ainda sobre os professores/as que lecionam na escola da comunidade do Cercadão, de Dicetas, conforme Maria dos Prazeres, afirma que entre esses educadores, “contém três quilombolas e dois sempre vêm de fora da comunidade, que foram mandados pela prefeitura do município de Caucaia”

Em relação ao apoio da prefeitura para escolas local, de acordo com relatos das entrevistadas, falando na comunidade “cercadão”, afirmam que não recebem apoio diretamente por parte da prefeitura local, mas acontece que toda a escola mãe recebe o recuso por todos os seus alunos, então lá na comunidade “Cercadão” a e escola anexa,

onde os alunos dessa escolas foram matriculado na escola mãe que responde por eles, então todas as verbas que vem para a escola mãe é para todos os alunos, de modo que é tão prescindível que a escola mãe viu os recursos que sejam necessários para escola, agora a luta de comunidade é muito grande, porque se fica a esperar nada se resolve, então “a comunidade tem que ser impoderada para cobrar o seu direito, de referir que, recursos que a escola mãe recebe muitas vezes não chega para resolver as necessidades nas escolas anexas”.

CONSIDERAÇÕES

Desenvolvemos esse trabalho com as nossas experiências/conhecimentos adquiridos na aula de campo realizada na comunidade de campo na comunidade do “Cercadão dos Dicetas”, foi no momento que nos permitiu a realização da pesquisa de campo com as nossas entrevistadas no caso da senhora Maria dos Prazeres, líder da comunidade quilombola dos dicetas, pedagoga, afrodescendente, faz parte da sexta geração do senhor Raimundo Gomes dos Santos e a outra entrevistada, Claudia Oliveira supervisora de inclusão étnico racial e territorial na secretaria da educação de Caucaia.

As nossas chegadas a essa comunidade foram marcadas com uma recepção muita calorosa em especial por parte das representantes e algumas professoras, de modo que se expressavam e interagiram conosco e entre si. Isso para nós abriu perspectiva de que poderíamos desenvolver o trabalho de grande interação, onde apontamos para uma troca de experiências nesse encontro.

Percebemos que a história da comunidade quilombola do “Cercadão dos Dicetas”, é de autoestima, valorização e orgulho acima de tudo, de representar os seus antepassados, afirmam elas: “**Somos Quilombos não escravos, porque ninguém nasce escravo**”. Mas sim reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial, cumpre os afro-brasileiros, manter e ampliar a cultura dos seus antepassados de resistência ao genocídio e de afirmação da sua vida própria, cujo fundamento é assegurar a condição humana do povo afro-brasileiro. Os Quilombos são das origens dos africanos que foram escravizados no Brasil, os primeiros quilombolas foram os bantos, denomina-se um povo a qual pertence os primeiros africanos escravizados que vieram para o Brasil.

REFERÊNCIAS

DIÁRIO DE CAMPO (anotações, registros fotográficos, gravação, documentos)

PETIT, Sandra Haydée e SILVA, Geranilde Costa e. *Africanidades Caucaenses. Saberes, conceitos e sentimentos*. Fortaleza: UFC, 2013 pp.65-109

NASCIMENTO, Abdias. *Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira*. Disponível em:

http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/10/Pre-Leitura_QUILOMBISMO.pdf.

<http://www.seppir.gov.br/> portal-antigo/arquivos- pdf / diretrizes-curriculares

<http://www.planalto.gov.br/> ccivil_03/ decreto/ 2003/ d4887. Htm

<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20e%20da%20diferen%C3%A7a%20-%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva.pdf>